

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
DUPLOS E GÉMEOS
6 e 16 de outubro de 2020

DEAD RINGERS / 1988

(Irmãos Inseparáveis)

um filme de David Cronenberg

Realização: David Cronenberg / **Argumento:** David Cronenberg e Norman Snider, a partir do romance *Twins* de Bari Wood e Jack Geasland / **Fotografia:** Peter Suschitzky / **Montagem:** Ronald Sanders / **Cenários:** Carol Spier e Elinor Rose / **Música:** Howard Shore / **Guarda-Roupa:** Denise Cronenberg / **Intérpretes:** Jeremy Irons (Beverly Mantle / Elliot Mantle), Genevieve Bujold (Claire Niveau), Heidi von Palleske (Dr. Cary Weiler), Barbara Gordon (Danuta), Shirley Douglas (Laura), Stephen Lack (Anders Wolleck), Nick Nichols (Leo), Lynne Cormack (Arlene), Damir Andrei (Birchall), Miriam Newhouse (Mrs. Bookman), etc.

Produção: David Cronenberg e Marc Boyman para Morgan Creek Prod. / **Distribuição:** Rank / **Cópia:** dcp, cores, legendada eletronicamente em português, 115 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Toronto, a 8 de Setembro de 1988 / **Estreia em Portugal:** Alfa Club, Amoreiras 5 e Mundial 2, a 25 de Maio de 1989.

Intitulado inicialmente **Twins**, **Dead Ringers** teve de mudar de título devido à saída iminente do filme homónimo concebido para explorar os multifacetados talentos de Arnold Schwarzenegger e de Danny De Vito. David Cronenberg, contudo, não ficou totalmente desiludido com a alteração do título, pois em entrevista concedida a Anne Billson (*Monthly Film Bulletin*, nº 660 de Janeiro de 1989) referiu o facto de um filme como o que acabava de realizar necessitar de um título pungente e sugestivo, qualidade, segundo Cronenberg, alheia à semiologia de "Twins". Seja como for, é de gémeos que se trata neste filme, e comecemos por salientar que é sempre gratificante registar uma actualização nova de um tema velho – especialmente quando se trata de um tema que é dos mais antigos na cultura ocidental.

O ano é 753 a.C.: os gémeos Rómulo e Remo fundam a cidade de Roma, mas Remo intromete-se no espaço de Rómulo e é morto pelo irmão. Para os antigos, tal facto era o resultado natural da sua condição de gémeos, pois essa pequena partida da natureza era tida como uma aberração que acarretava sempre a maldição. O mesmo sucedera em Tebas, com Édipo: maldito por ser marcado fisicamente (tinha os pés deformados). Talvez seja em virtude desta temática da aberração-deformação que Cronenberg tenha querido fazer de **Dead Ringers**, nas próprias palavras do realizador, *"o mais perto que consegui chegar da tragédia clássica... e tal como sucede em qualquer tragédia clássica, há uma componente de magnificência, de beleza elegíaca, apesar de se tratar de uma história muito triste"*. Cronenberg frisa ainda que é devido à inevitabilidade do destino dos gémeos Beverly e Elliot (Jeremy Irons) que o filme adquire foros de tragicidade: a morte dos dois é certa ("right") desde o início e essa certeza narrativa ulterior matiza um pouco analepticamente toda a sucessão de eventos que se desenrola a partir do momento em que os gémeos, crianças ainda, proferem a palavra "sexo" num ecrã totalmente negro (ou, porque não, na acepção etimológica e platónica de esquecimento antes da vida e depois da morte, *letal*). Pois apesar de ser o esquecimento que é propriamente letal, a lembrança não o é menos: os gémeos nunca se podem esquecer da sua

condição de gémeos, e, a certa altura em **Dead Ringers**, a sua situação passa a revestir-se de qualidades mais próprias de heróis épicos: Elliot refere-se à "Mantle Brothers' Saga" e a recitação ritmada de Beverly da história dos dois gémeos siameses que acabam por morrer parece apontar também nessa direcção.

Prosseguindo nesta linha de reminiscências clássicas (que o leitor tenha paciência, mas foi o próprio Cronenberg que falou nelas), é curioso o facto de ambos os irmãos serem ginecologistas, preocupados com a fertilidade feminina e com as vísceras que a tornam possível: ovários, óvulos, etc. Claro que se trata da interrogação profunda dos gémeos a respeito da sua existência e da proveniência desta. Aqui somos tentados a recordar Castor e Pólux, os gémeos filhos de Zeus, que se uniu com Leda adoptando a forma de um cisne, fazendo com que Leda pusesse um ovo donde saíram os dois casais de gémeos, Castor e Pólux e Helena (a da guerra, de Tróia) e Clitemnestra. Sabemos também que a maldição pairou sobre estes gémeos, que, à excepção de Helena, morreram de morte violenta. No entanto, foram apenas os gémeos do sexo masculino (e são esses que agora, nos interessam) que morreram juntos, ficando para sempre simbolicamente associados um ao outro com o nome de Dioscuros (em latim os *geminii*, os mesmos da constelação do zodiaco).

Voltando agora a **Dead Ringers**, a preocupação dos Dioscuros de Cronenberg com o ovo donde nasceram é logo dada a partir do começo do filme com a iconografia inquietante que marca imediatamente a tónica de **Dead Ringers**. Inquietante é também a circunstância de a filiação de Elliot e Beverly nunca ser mencionada: nem se pode falar de partenogéneses uma vez que não há mãe, a não ser quando Claire (Genevieve Bujold) pergunta a Beverly se a mãe lhe deu esse nome porque queria uma filha em vez de um filho. Beverly reage mal à pergunta, fica totalmente transtornado (mais do que já é), e, sem mencionar a mãe, descodifica logo a perplexidade de Claire como uma referência aos dois tabus que, na sua mente, se auto-exacerbam: incesto e homossexualidade. Assim, os dois gémeos, sem pai nem mãe, dedicam a sua vida à pesquisa ginecológica, quase como uma vingança dirigida à mãe ausente que, ao dar à luz dois frutos do mesmo ovo, privou ambos de qualquer consciência de identidade. É a percepção do "outro" como a extensão narcisística de si próprio que leva os irmãos a partilharem as suas aventuras sexuais sem nunca se apaixonarem (para quê, afinal? a relação perfeita já estava realizada, apesar de não consumada) até ao momento em que se atinge a ruptura (vide pesadelo de Beverly) com a relação de Beverly com Claire. Segue-se a vã tentativa de tentar sanar a ruptura com comprimidos (eram médicos) até a morte descer sobre os gémeos, nas palavras de Homero, com o seu grande sono de bronze (ou de "casquinha", material de que eram feitos os sádicos instrumentos cirúrgicos dos gémeos Mantle).

Incompleta ficaria qualquer discussão de **Dead Ringers** se não referíssemos o universo visual que Cronenberg escolheu para nele desenvolver os temas que acabámos de delinear. O próprio realizador observou na entrevista acima citada que o espaço canadiano é uma componente visual fundamental do seu cinema, pois estabelece paralelos com os Estados Unidos que avultam ao espectador como incongruentes por não serem, justamente, americanos. O ultra-modernismo de Toronto (ou dos "yuppies" de Toronto: *"we both like Italian furniture"*, diz Beverly a Claire, resumindo sucintamente a estética do luxuoso apartamento que os gémeos habitam) parece acompanhar e reflectir a esterilidade que, apesar de tudo, caracteriza a vida profissional e pessoal dos dois irmãos. Aos encarnados uterinos das batas dos médicos na sala de operações contrapõe o realizador a frieza dos azuis e esverdeados do apartamento e do pesadelo de Beverly. A frígida elegância de Elliot é praticamente a única coisa que o distingue de Beverly, normalmente vestido em tons de "aveia", cor que parece sublinhar a vulnerabilidade da sua personalidade. Remo nesta actualização canadiana do tópico dos gémeos malditos, Beverly acaba por ser o verdadeiro protagonista do filme. O que, de resto, exprime eloquentemente a genialidade do nome com que termina este texto: Jeremy Irons.

Frederico Lourenço